

Dicionário preliminar Karitiana-Português-Inglês: um produto do processo de educação e manutenção da cultura entre os Karitiana

Luciana R. Storto (Museu Nacional/UFRJ)*

1. INTRODUÇÃO

O Dicionário Preliminar Karitiana-Português-Inglês é um dos frutos do processo de educação na língua materna almejados pelo povo indígena Karitiana, juntamente com uma gramática pedagógica, e coleções de textos que documentem as tradições orais da grupo. Quando iniciei meu trabalho de descrição e análise da língua, em 1991, já havia um interesse, expresso por parte de alguns membros da comunidade, de que o Léxico Karitiana-Português, de autoria do missionário protestante David Landin fosse “corrigido”. Tinham vontade de utilizar a sua língua também de forma escrita, o que não faziam até então. A comunidade exigiu como condição do meu trabalho lingüístico uma ajuda prática na área de educação, e ficou acertado que eu realizaria a reforma da ortografia (que era considerada inadequada), a elaboração de materiais didáticos, a alfabetização, e, a longo prazo, a elaboração de um dicionário, gramática, e documentação escrita da tradição oral. Antes de descrever o processo educacional que foi então iniciado, faço um breve relato da história dos Karitiana.

Os Karitiana são um povo Tupi, da família Arikém. Nesta mesma família foram classificadas duas outras línguas — o Arikém e o Kabixiana — ambas consideradas extintas (Rodrigues 1986). Vivem numa área indígena demarcada, localizada a 95 Km ao sul de Porto Velho, capital do estado de Rondônia, entre os rios Jaciparaná e Jamari. O acesso faz-se por terra: 50 Km na BR 364 e 45 Km numa estrada de terra em más condições de manutenção, o que exige o uso de veículo com tração para que se percorra, na época da seca, o percurso de Porto Velho à aldeia em 3 horas.

O contato com os brancos data do início do século, quando, trabalhando na extração da seringa, o grupo experimentou uma baixa populacional bastante grande. A primeira referência aos Karitiana na literatura foi feita em 1909 pelo Capitão Manoel Teophilo, um membro do grupo de Rondon. Ele

* Bolsista FAPERJ Fixação de Pesquisador (E-26/152.429/00).

mencionou que a aldeia estava localizada às margens do rio Jaciparaná. Em 1910 Rondon relata que os Karitiana estavam em contato intenso com os seringueiros naquele rio, para quem trabalhavam na extração de borracha (Lúcio 1996).

Entre meados da década de 50 e o início da década de 60, as últimas duas aldeias nas quais os Karitiana viviam foram fundidas. Uma delas estava localizada no rio Candeias e a outra no rio das Garças, onde vivem atualmente. Contam que na aldeia do Candeias havia apenas um homem adulto (Moraes Karitiana), que casara com 7 mulheres a fim de salvaguardar o futuro do grupo, enquanto que na aldeia do rio das Garças haviam apenas homens. Tendo a última mulher morrido, o grupo do rio das Garças (os chamados Capivarí) saíra em busca dos seus parentes do rio Candeias para propor que aqueles se juntassem a eles numa única aldeia. Como consequência deste último movimento populacional, a aldeia do rio Candeias ficou fora da reserva quando a demarcação da Área Indígena ocorreu, e hoje os Karitiana solicitam arqueólogos para ajudarem a comprovar que seu território tradicional se estende para a direção do Candeias. Desde 1967, o órgão indigenista federal (SPI e, posteriormente, FUNAI) está presente oficialmente na aldeia.

Na década de 70, houve mineração de cassiterita na área indígena. De 72 a 78, um casal de missionários do Summer Institute of Linguistics, David e Rachel Landin, viveu na aldeia (ele lingüista e ela antropóloga), tendo produzido alguns trabalhos lingüísticos e etnográficos, convertido pelo menos 2 pessoas ao protestantismo e traduzido partes do Novo Testamento para a língua indígena. Nesta época o SIL construiu uma pista de pouso, que está fora de uso desde que a estrada foi melhorada. Os Karitiana têm seu próprio veículo — uma Toyota Bandeirante de segunda mão doado à comunidade em 1993 em nome da Associação Indígena Akot Pytim'adnipa (Trabalhadores Unidos) pelo PMACI.

Em 1985 os Karitiana somavam 65 pessoas (R. Landin 1989), e hoje são mais de 200 vivendo na aldeia. Havia, em 1996, 7 Karitiana vivendo em Porto Velho — 3 mulheres casadas com homens de outras aldeias, e um homem casado com uma mulher branca e seus filhos. Na aldeia vivem também alguns índios não Karitiana: dois senhores de idade casados com viúvas Karitiana, e duas mulheres casadas com homens Karitiana. A população é extremamente jovem, devido ao crescimento populacional constante ocorrido de 1985 para cá. A situação da língua será mantida estável enquanto a população continuar crescendo e as crianças continuarem a aprender o Karitiana como sua primeira língua.

Os únicos trabalhos publicados na área de antropologia e lingüística sobre os Karitiana foram escritos pelos missionários David Landin (D. Landin 1983, 1984, 1988) e Rachel Landin (R. Landin 1982, 1987, 1989, e D. &

R. Landin 1973), e por mim (Storto 1994, 1996a, 1997, 1998, 1999, 2000, no prelo, em preparação, Storto & Baldi 1994, Hale & Storto 1997). Carlos Frederico Lúcio (Lúcio 1996), antropólogo, escreveu sua dissertação de mestrado sobre as formas de classificação social dos Karitiana, que aguarda publicação.

A parte 2 deste artigo descreve o período inicial no processo educacional na língua indígena, no qual a ortografia foi revisada tecnicamente, e adequada às necessidades do grupo de falantes. Os primeiros dois anos do projeto de alfabetização são descritos na parte 3, e os dois últimos anos na parte 4. O dicionário preliminar, entendido como produto em elaboração resultante da cooperação entre lingüista e comunidade lingüística é discutido na parte 5 do artigo.

2. PERÍODO PRÉ-PROJETO:

PREPARAÇÃO DA ORTOGRAFIA: 1991-1993

Tenho estado em constante contato com os Karitiana desde julho de 1991, quando me dirigi a Porto Velho com o intuito de consultar a comunidade sobre a possibilidade de iniciar uma pesquisa sobre sua língua nativa. Acompanhada por Denny Moore, chefe da divisão de lingüística do Museu Emílio Goeldi, e meu orientador formal ou informal desde 1990, visitei a aldeia e me propus a, além de estudar a língua cientificamente, prestar serviços práticos para o povo, como revisar sua ortografia (a pedidos deles), e refazer seu dicionário. Denny, que viveu por dois anos realizando pesquisas lingüísticas entre os índios Gavião de Rondônia, e tem excelentes contatos na região, me orientou desde a primeira viagem à aldeia, a fim de garantir o controle de qualidade de meu trabalho, e me auxiliar no complexo processo de pesquisa inter-cultural.

Uma das práticas adotadas desde o primeiro momento, foi a integração do rigor técnico lingüístico às necessidades da comunidade. Assim, ouvi as críticas que os Karitiana tinham da ortografia que havia sido elaborada por David Landin. Após analisar os fones e fonemas da língua, cheguei à conclusão, em 1992, de que haviam alguns erros de análise lingüística cometidos por Landin que estavam criando problemas para a ortografia e os corriji. No entanto, o maior problema com a ortografia parecia ser de origem prática — por ser fonêmica, a representação gráfica dos sons seria reproduzida erroneamente por um falante de português (que desconhece o sistema fonológico da língua indígena), o que os Karitiana consideravam inaceitável. Assim, refiz a ortografia de forma que os sons oclusivos nasais (**m, n, ng**) fossem representados foneticamente ao invés de fonemicamente. Por exemplo, a palavra de representação fonêmica /**kõmo**/, cuja pronúncia é [**kom^bo**], passou a ser representada como **kombo**, o que torna a ortografia parcialmen-

te fonética, ou seja, mais próxima do som emitido. Eu apresentei as possibilidades de representação dos sons para a comunidade de forma acessível, e os Karitiana debateram as possíveis mudanças em várias reuniões, até escolher a forma atual da ortografia (ver justificativa formal da ortografia em Storto 1996b). Este processo foi difícil, mas os resultados foram altamente satisfatórios.

A professora Ruth Monserrat, lingüista que foi trazida à aldeia pelo NEIRO (Núcleo de Educação Indígena de Rondônia) em 1992, analisou a ortografia que eu havia proposto, consultou a comunidade em dois dias de debates, e deu seu aval técnico. Comecei a elaborar um livro de apoio ao estudo da ortografia, que tem sido aperfeiçoado a cada ano, e é utilizado no ensino da ortografia até o presente (Storto 1996b).

3. INÍCIO DO PROJETO DE ALFABETIZAÇÃO: 1994-1995

O projeto de alfabetização em grande escala foi iniciado em 1994. Nos dois anos que separam a criação da ortografia à implementação do projeto, continuei a desenvolver meus trabalhos lingüísticos, ensinei a ortografia para um grupo de jovens Karitiana, e identifiquei as pessoas mais interessadas no trabalho com a língua e documentação da cultura. Vários jovens trabalharam comigo como informantes, auxiliando na tradução de histórias tradicionais que gravei com os mais velhos.

Em julho de 1994, ministrei aulas noturnas (3 horas diárias, durante um período de um mês) a 20 jovens Karitiana que já tinham sido alfabetizados em Português. As aulas tinham como intento prepará-los para ler e escrever na língua mãe, possibilitando sua formação como futuros professores da ortografia num período posterior.

A professora da FUNAI, Rosa Araújo, na época diretora da escola Karitiana, também participou das aulas, uma vez que ambas concordamos que este processo de ensino culminaria na criação de uma escola bilíngüe a longo prazo.

A avaliação dos alunos foi feita no final do curso, através de prova ministrada por mim pessoalmente. Dezesseis alunos passaram na prova, que valia 100 pontos e tinha média mínima de 70 pontos para aprovação. O projeto pagou cada aluno que se graduou uma pequena quantia como compensação pelo tempo tirado de suas atividades produtivas normais, uma vez que durante um mês eles dedicaram muitas horas por dia ao estudo intensivo da língua.

O segundo ano do projeto foi 1995. Em julho passei dois meses na aldeia, durante os quais ministrei aulas para uma classe noturna para adultos e uma diurna para crianças. Nesta segunda fase do projeto, várias crianças e alguns adultos analfabetos estudaram. Como já havia dezesseis Karitiana

alfabetizados na língua, aqueles que quiseram deram aulas — um aluno por “professor”. O resultado foi dezenove novas aprovações. Alunos e professores que tiveram sucesso (aprovação na prova) receberam uma pequena quantia como compensação pelo tempo tirado de suas atividades produtivas, prática que foi mantida até o final do projeto.

Nesta ocasião participou das aulas noturnas a professora Laura, voluntária do CIMI (Centro Indigenista Missionário), que preparava alguns alunos Karitiana para os exames do supletivo. Laura contactou o CIMI para ajudar os Karitiana a financiar a construção de uma casa que seria dedicada ao estudo da língua. Esta idéia, bem como a de se estabelecer um programa de educação bilingüe, surgiu em reuniões políticas entre os Karitiana, e o projeto de alfabetização entrou com uma parte da verba necessária para sua viabilização. A vontade era de que a Casa da Língua se tornasse um espaço coletivo em que houvesse facilidade para os interessados no estudo lingüístico de reunir-se, trabalhar e produzir gravações e transcrições de histórias tradicionais, músicas, etc.

O projeto adquiriu os materiais e equipamentos (armário e arquivo de aço, pastas suspensas, máquina datilográfica, papel, carbono, fitas K-7, um gravador CCE double-deck, corretivo, etc.) que seriam utilizados na Casa da Língua, e o CIMI entrou com o financiamento dos materiais necessários para a construção. A comunidade Karitiana ofereceu o trabalho de construção, e a matéria prima. A construção desta casa criou grande animação na aldeia, uma vez que na percepção dos Karitiana ela representou um passo concreto no processo de recuperação da cultura oral pela própria comunidade. Este espaço, na minha opinião, foi fundamental no sentido de incentivar a participação ativa do povo na criação do seu futuro educacional.

A própria escola da aldeia, que contava com uma professora branca da FUNAI em 1991, e apenas um professor índio em 1992 (Nelson Karitiana), tornou-se majoritariamente indígena em 1995 no seu quadro de professores: com a ajuda do NEIRO, dois professores índios foram contratados pela prefeitura e pelo estado para ministrar aulas na escola: Edelaine e João Karitiana. Hoje Luiz Carlos Karitiana e Inácio Karitiana também dão aulas na escola bilingüe da aldeia como voluntários, esperando um dia ser contratados.

Em julho de 1995 a comunidade Karitiana reunida no fórum da sua associação (Akot Pytim'adnipa) votou rejeitar o pedido de entrada de missionários lingüistas do SIL na aldeia. A razão dada foi o medo de descaracterização da cultura tradicional. Apesar de metade da população se dizer protestante, a comunidade reunida em assembléia indicou que apenas aceitaria missionários se estes não pregassem religião, e contribuíssem para a documentação da história oral Karitiana.

O movimento de independência e auto-afirmação dos Karitiana não se limitou à escola. Quatro jovens na aldeia resolveram dedicar-se ao aprendizado de conceitos básicos de enfermagem, com o objetivo de que a comunidade se tornasse independente de enfermeiros brancos. Walter Karitiana, que já vinha se dedicando a este projeto há mais tempo que os outros, hoje realiza todas as suturas na aldeia. A enfermaria local fica por vários meses nas mãos dos membros da comunidade, que sabem administrar remédios para as principais doenças que os afligem, e Walter Karitiana aprendeu, com a ajuda da FUNAI e da SUCAM, a diagnosticar os casos de malária de forma mais exata, através da leitura de lâminas de sangue.

4. Fase final do projeto de alfabetização: 1996-1997

Em janeiro de 1996, financiado pelo projeto, Nelson Karitiana, então professor indígena contratado pela prefeitura, e o mais dedicado estudante da língua daquele momento, passou 20 dias em Belém a fim de conhecer o Museu Goeldi, aprender a utilizar o computador (especificamente, o editor de texto Word), e contribuir para a elaboração duma nova versão do Livro de Apoio ao Aprendizado da Ortografia, que desta vez contaria com 108 páginas (Storto 1996b). Nelson voltou para a aldeia com 80 cópias do guia, que entregou a Luiz Carlos Karitiana, que havia sido nomeado chefe da Casa da Língua pela associação.

No período entre fevereiro e dezembro de 1996, quando voltei à aldeia, ocorreu um grande salto qualitativo e quantitativo na participação dos Karitiana no projeto de alfabetização. Liderados por Luiz Carlos Karitiana, chefe da Casa da Língua, alguns jovens (Marilena Karitiana, Inácio Karitiana, Meireles Karitiana, e, principalmente, o próprio Luiz) trabalharam na documentação escrita da cultura, e produziram cinco textos, várias gravações, e alguns estudos de itens lexicais já extintos do vocabulário em uso na língua. Eu notei, quando cheguei na aldeia, que três casas tinham seus próprios quadros negros, e havia grande animação com relação ao projeto. Evidência mais concreta do entusiasmo pelo estudo da língua apareceu quando convoquei os interessados a se alfabetizar: 45 pessoas, entre elas vários adultos e crianças entre 10 e 13 anos, estudaram a ortografia, sendo que 16 professores formados nos anos anteriores deram aulas.

O resultado deste esforço foi extremamente produtivo: 22 pessoas passaram na prova, e vários dos professores tornaram-se mais proficientes na escrita da língua. Ministrei, ainda, aulas noturnas em que ouvimos e transcrevemos à mão 334 sentenças de um texto previamente gravado, que foi digitado e traduzido em 1997. Os alunos presentes nestas aulas (Luiz Karitiana, Luciane Karitiana, Edelaine Karitiana, Elivar Karitiana, Daniel Karitiana, e Marcos Karitiana) tiveram a chance de aprender a usar o programa

Word, num laptop do Museu Goeldi alimentado por energia solar que eu trouxera ao campo.

O projeto de alfabetização pagou pela compra e instalação de um pequeno painel solar, bateria, e lâmpadas numa das salas da escola da aldeia, a fim de possibilitar o trabalho na língua mesmo quando há falta de óleo diesel para o motor gerador de energia. Novas instalações de lâmpadas, interruptores e tomadas foram feitas na escola, Casa da Língua e farmácia, a fim de facilitar o uso daquelas instalações para o estudo nas noites em que há energia elétrica.

Em janeiro de 1997, Luiz Carlos Karitiana contribuiu para a organização do trabalho no dicionário, do qual participaram 15 membros da comunidade. Professores formados nos anos anteriores contribuíram para a alfabetização de 24 estudantes. Três textos (um ritual, um mito e uma narrativa histórica) foram produzidos (transcritos, digitados e traduzidos). Um deles, "Gotang Boryt, em que Nazaré Karitiana descreve o ritual mortuário, foi iniciativa de Meireles Karitiana, que tinha perdido sua jovem esposa e primeira filha por complicações de parto. Este texto foi dividido em capítulos, ilustrado e impresso. Vinte cópias do material foram encadernadas e deixadas na comunidade para serem utilizados na escola bilingüe.

Constatei que o salto qualitativo que aconteceu no último ano do projeto deveu-se em grande parte ao fato de que um membro da comunidade foi nomeado Chefe da Língua. A aparente falta de iniciativa dos Karitiana em tomar o processo educacional em suas próprias mãos na minha ausência pode ser interpretada como respeito que eles tinham à minha posição como coordenadora do projeto. Quer dizer, eles assumiram que a Chefe da Língua era eu, e enquanto alguém da comunidade não recebeu o título por direito, não houve estudo da língua não ser aquele organizado por mim. Desde então, no entanto, eles têm se organizado periodicamente para algum tipo de atividade de documentação lingüística na Casa da Língua.

O projeto de alfabetização, que dispunha de financiamento apenas por quatro anos, foi concluído em 1997, tendo recebido avaliação positiva de um parecerista externo: Maria do Carmo Barcelos, que visitou a aldeia em missão oficial da Fundação Norueguesa. No entanto, apesar do sucesso, não foi possível manter a continuidade do processo educativo sem uma fonte de financiamento permanente para garantir o andamento dos trabalhos.

5. DICIONÁRIO PRELIMINAR KARITIANA-PORTUGUÊS-INGLÊS

O Dicionário Preliminar Karitiana-Português-Inglês foi iniciado como uma base de dados lexicais compilada no programa Shoebox. Este programa foi desenvolvido pelo Summer Institute of Linguistics para auxiliar o lingüista de campo na organização de seus dados lexicais e textuais. As princi-

país razões que me fizeram escolher este programa foram de natureza prática: o fato de que grande parte dos lingüistas que estudam línguas Tupi estava utilizando o programa Shoebox no momento em que decidi computadorizar os dados, o que facilitava a comparação entre o Karitiana e outras línguas a ele relacionadas. A segunda razão prática foi a possibilidade de alimentar a base de dados lexicais a partir da base textual através do processo chamado de interlinearização. Texto interlinear neste programa significa texto com informação adicional abaixo de cada palavra, o que pode incluir a quebra de palavras em morfemas (parsing), a tradução de cada morfema, e a identificação da categoria gramatical do mesmo¹. Uma última razão para a escolha do Shoebox foi permitir a conversão da base de dados em outros programas, já que está escrito em Ask. Espera-se, num futuro próximo, converter a base de dados de Shoebox para Latex, que é um programa gratuito gerador de uma impressão gráfica de excelente qualidade, em forma pronta para ser fotografada.

A escolha de uma base de dados trilingüe como fonte do dicionário foi feita inicialmente a fim de facilitar o uso que eu faço dela como lingüista, uma vez que publico artigos científicos sobre a língua Karitiana tanto em português como em inglês, e portanto preciso selecionar os exemplos de textos e palavras interlinearizadas na língua da minha escolha. No entanto, os Karitiana sempre tiveram curiosidade sobre outras línguas, e me pediram para que a versão do dicionário a ser preparado para uso na escola indígena incluísse não só o Karitiana e o português, mas também o inglês. Um exemplo de palavra interlinearizada em inglês é dado abaixo, na tabela (1)².

Tabela 1

```
\t sojoty
\m soj *** -ty
\g pepper *** -big, large
\p noun *** -adjective
```

Cada item lexical entrou na base de dados em forma de um registro, subdividido nos seguintes campos: (1) item vocabular transcrito em ortografia Karitiana, (2) item vocabular em português, (3) item vocabular em inglês, (4) categoria gramatical, (5) exemplos de uso do item vocabular Karitiana,

¹ Após a interlinearização de uma linha de texto, os morfemas que não constam da base de dados podem aparecer imediatamente na base lexical através do uso de apenas um comando (Jump).

² Os asteriscos marcam os morfemas que não constam da base de dados lexicais. Neste caso, não se trata verdadeiramente de um morfema, mas de uma vogal não especificada que é parte do sufixo, e assimila a qualidade da vogal que a precede. Infelizmente, Shoebox não dá conta deste tipo de morfofonologia.

(6) exemplo em português, (7) exemplo em inglês. As tabelas (2)-(4) são exemplos de registros:

Tabela 2

\lx aka
 \ge to be
 \gp ser
 \ps auxiliary
 \ex ãonso naakat ise'at
 \exe the woman is beautiful
 \exp a mulher é bonita

Tabela 3

\lx mbykyj
 \ge to arrive.pl
 \gp chegar.pl
 \ps verb [intr]
 \ex yjpysondypy'ooman malaria imbykyjyty
 \ex we know when malária arrived
 \exp nos sabemos quando a malária chegou

Tabela 4

\lx 'oot
 \ge to start, to begin
 \gp começar
 \ps verb [intr]
 \ex opok nakam'oot malária
 \ex the white man brought malária
 \exp o homem branco fez surgir a malária

O dicionário preliminar Karitiana-Português-Inglês conta no momento com 1000 itens organizados em Shoebox como nas tabelas (2)-(4). A versão atual será levada à comunidade para ser corrigida e ampliada, a fim de que versões cada vez mais aprimoradas sejam desenvolvidas a cada ano. A versão final contará com os seguintes anexos, nas três línguas: um resumo gramatical da língua, uma justificativa formal da ortografia, e um guia de uso do dicionário. Estes anexos, bem como o dicionário em si, serão dirigido ao falante nativo, mas poderão ser usados também por falantes de português ou inglês que queiram aprender a língua Karitiana.

A escolha dos itens lexicais contidos no dicionário até o presente momento não foi aleatória, mas seguiu as listas de vocabulário básico propostas por Morris Swadesh e Brent Berlin para facilitar a aplicação do método histórico-comparativo. Num segundo momento, faremos a inclusão dos termos contidos no Dicionário e Léxico Karitiana elaborado por David Landin, que já foi parcialmente revisado e corrigido. Após esta segunda fase, o dicionário crescerá a partir das palavras encontradas naturalmente nos textos. A coleção de textos já incluídos na base de dados, e que servirá para alimentar o dicionário com a ajuda do processo de interlinearização, inclui 11 registros, cada qual equivalente a um texto (narrativas, depoimentos, ou documento escrito). Um exemplo de texto é o depoimento abaixo.

Tabela 5

\id como a malária é transmitida
 \t tiko naakat naa'oom horo opok.
 \t tik yjxa ka'yt tik yj'y tykiri, yjxa ka'at
 naa'oom horo opok.
 \t tik ara ki.
 \t kinda sara sara naakat.
 \t kinda oti sara myrỹ'in naakat.
 \t yjhot yjki kinda sara tyym tim'a naakat kinda
 oti sarat.
 \t atykiri napysot opoko sok kinda oti.
 \t morãsong nataambykyj yjkyn kinda oti sara
 opok.

A coleção de textos já elicitados, e que ainda aguarda inserção na base de dados é bastante extensa. Venho coletando textos desde 1992, muitos dos quais não estão nem transcritos. Outros já foram transcritos e traduzidos, mas de forma manuscrita. Outros, ainda (aqueles três textos longos trabalhados no último ano do projeto) estão digitados em Word, e aguardam incorporação na base de dados. A principal razão pela qual o corpus coletado não foi processado adequadamente, é o fato de eu ter iniciado meu trabalho de campo na língua Karitiana no mesmo ano em que entrei no mestrado. Tendo cursado programas de pós-graduação no exterior de setembro de 1992 a fevereiro de 1999, tive pouco tempo para dedicar à base de dados, que pretendia, mas não consegui, incluir na minha tese de doutorado. Minha próxima viagem está planejada para outubro de 2000, quando o trabalho na base de dados será retomado.

A elaboração do dicionário será continuada, durante muitos anos, sempre em colaboração com a comunidade Karitiana. O objetivo é partir da

modesta base de dados que possuímos hoje, aprimorando-a em todos os sentidos. Os dados devem ser revisados e corrigidos, e as espécies de plantas e animais contidas no corpus devem ser identificadas. Novos campos serão adicionados à base para conter este tipo de informação, bem como outros detalhes importantes como variações nas pronúncias das palavras (registros fonéticos). Novos registros serão necessários para um estudo dos itens culturais do vocabulário (artefatos, termos de parentesco, etc), que devem ser explicados e descritos em detalhe, tanto da perspectiva dos Karitiana como da perspectiva do pesquisador. Parte deste trabalho já foi feita (descrição de espécies de pássaros por 15 estudantes Karitiana), mas os resultados ainda não foram incorporados à base de dados. Informações resultantes do trabalho teórico com a língua também constarão da base de dados – por exemplo, identificação sistemática das duas classes de verbos intransitivos (inergativos e inacusativos).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Hale, K. e L. Storto. 1997 "Agreement and Spurious Antipassives". *Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN) 20 - Homenagem a Aryon Dall'Igna Rodrigues*.
- Landin, D. 1983. *Dicionário e Léxico Karitiana/Português*. Brasília: SIL.
- _____ 1984. "An Outline of the Syntactic Structure of Karitiana Sentences". Em *Estudos Sobre Línguas Tupi do Brasil*. Série Linguística 11. Brasília: SIL.
- _____ 1988. "As Orações Karitiana". *Série Linguística 9 (2)*. Brasília: SIL.
- Landin, D. & R. Landin, 1973. "A Preliminary Description of the Karitiana Phonological Structure". *Arquivo Linguístico 163*. Brasília: SIL.
- Landin, R., 1982. "Word Order Variation in Karitiana". *Arquivo Linguístico 149*. Brasília: SIL.
- _____ 1987. "Conjunções Karitiana de Nível Superior". *Série Linguística 9(1)*. Brasília: SIL
- _____ 1989. "Kinship and Naming Among the Karitiana of Northwestern Brazil". Tese de Mestrado. U. Texas, Arlington.
- Lúcio, C.F. 1996. *Sobre Algumas Formas de Classificação Social. Etnografia Sobre os Karitiana de Rondônia (Tupi-Arikém)*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP.
- Rodrigues, A. 1986. *Línguas Brasileiras - para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.

- Storto, L. 1994. "Basic Word Order in Karitiana", *Report 8: Survey of California and Other Indian Languages*: 138-144. Department of Linguistics. University of California at Berkeley.
- _____ 1996a. "A Report on Language Endangerment in Brazil". Em *Language Endangerment and the Maintenance of Linguistic Diversity. MIT Working Papers in Linguistics* 28.
- _____ 1996b. *Livro de Apoio ao Aprendizado da Ortografia Karitiana*. Manuscrito. 108 pgs.
- _____ 1997. "Verb Raising and Word Order Variation in Karitiana". *Boletim da Associação Brasileira de Lingüística (ABRALIN) 20 - Homenagem a Aryon Dall'Igna Rodrigues*.
- _____ 1998. "Karitiana: A Verb Second Language from Amazonia". Em *Proceedings of the Sixth Conference of Students of Linguistics of Europe (CONSOLE)*.
- _____ 1999. *Aspects of a Karitiana Grammar*. Dissertação de Ph.D. Massachusetts Institute of Technology.
- _____ 2000. "Concordância Irregular em Construções de Foco do Objeto em Karitiana". *II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*. Florianópolis.
- _____ No prelo. "Duas Classes de Verbos Intransitivos em Karitiana (Família Arikém, Tronco Tupi)". Em *Anais da Conferência Rencontre sur la Grammaire des Langues Tupi-Guarani*. Cayenne: IRD (antiga ORSTOM).
- Storto, L. & P. BALDI 1994. "The Proto-Arikém Vowel Shift". Trabalho apresentado no encontro anual da Linguistic Society of America.